

## “Feliz Aniversário”: Uma análise da velhice e suas relações sociais

---

*Eunice Vigarinho de Campos*

Qual o lugar do velho na sociedade contemporânea? Como ocorre a percepção da velhice pelo sujeito que envelhece? Quais são os efeitos sobre a subjetividade? Que relação se estabelece com o adoecimento? Esses foram alguns dos questionamentos que surgiram a partir da leitura do conto “Feliz Aniversário”, do livro *Laços de Família*, de Clarice Lispector (1982).

A narrativa nos introduz à celebração do aniversário de 89 anos de uma senhora, a matriarca da família, que apresenta como traço principal de comportamento, total apatia em relação aos acontecimentos externos, havendo informações ao longo do texto de que ela observava, mas nada falava, como fica claro no trecho em que os convidados falam dela, mas não com ela. Percebemos que ela não apenas permanecia calada, mas também se mantinha rígida, imóvel no local onde estava, como se fosse incapaz de tomar qualquer atitude, como na ocasião em que, curiosa, ela observa a mosca voando em cima do bolo, mas persiste naquela angústia muda e impotente. Aos poucos, notamos que ela oscila entre o estado de presença e interação e o de ausência e alheamento.

Há indicativos de que a aniversariante já não detém mais autonomia sobre o próprio corpo, afinal não foi ela quem escolheu a roupa que iria usar, nem o modo como gostaria de se vestir nem a cadeira e o momento em que iria se sentar à mesa. Ocupando o lugar de sujeito passivo em seu próprio aniversário, ela foi vestida e arrumada por sua filha, com quem morava, e colocada sentada à cabeceira da mesa de jantar muito antes do início da festa, mas para adiantar o expediente, já que a filha precisaria se dedicar a outros preparativos.

Apesar de essa senhora ser a aniversariante, os convidados não lhe conferem papel de destaque, posto que nem mesmo a cumprimentam quando chegam e, dando-lhe às costas, fazem a festa sozinhos. Ela não é incluída nas conversas, nem pode consumir os salgadinhos oferecidos devido às suas restrições alimentares. A celebração ocorre independentemente da sua presença, os convidados não lhe dirigem quaisquer palavras, não falam com ela, causando no leitor certo mal-estar, devido à indiferença com que a mulher é tratada.

Qual o papel ocupado pelo velho na sociedade contemporânea? Que lugar poderia ser conferido àquela senhora? Talvez o lugar de mãe de todos, de matriarca, de guardiã dos conhecimentos familiares. Mas percebemos que a velhice não ocupa um lugar social valorizado por aquela comunidade, ao contrário, observamos o desprezo dirigido à mulher. Os convidados agem como se qualquer aproximação com ela fosse fatal, como se fossem ser sugados por uma armadilha para dentro da velhice.

Notamos que quanto mais o contato com ela é evitado e menos palavras lhe são dirigidas, ocorre um paulatino apagamento de sua presença e pouco a pouco ela se desinteressa pelo entorno, mantendo-se em uma posição de absoluto mutismo e indiferença pelos fatos exteriores.

Trata-se de uma senhora apática, que não se manifesta diante dos acontecimentos externos, não sendo possível identificar nem mesmo se está feliz ou não com a reunião de seus familiares, talvez esteja em depressão, mas não se sabe com segurança os fatos que contribuíram para aquele estado.

Há pistas na narrativa que nos indicam que o processo se agravou no último ano, provavelmente após a morte de seu filho querido, o único com quem se identificava. Ao ter dificuldade de entrar em contato com o luto, a mulher ergueu um muro entre a morte do filho e os demais filhos, nunca mais falando dele. Possivelmente, a dificuldade em simbolizar o falecimento, em dar sentido e significado ao fato, além de sua personalidade rígida e austera, que despreza os filhos em virtude de seus comportamentos não corresponderem a um modelo por ela idealizado, tenham contribuído para a evolução de seu estado de ausência.

Entretanto, tudo começa a mudar quando, após o parabéns, ela é convocada a cortar o bolo. É nesse momento que começa a se manifestar, agarra a faca e parte uma fatia de bolo de maneira firme. A festa prossegue e ela, que parece ter saído do isolamento, reflete sobre a vida e os filhos. Constatamos sua indignação com as risadas, a moleza e a falta de austeridade de quase todos ali, não conseguindo entender como aquela prole teve origem nela e em seu marido. A revolta e o nojo pelos descendentes aumentam de tal forma que ela cospe no chão, o que é seguido por olhares de pesar, como se os convidados reconhecessem que ela agora já não merecia grandes preocupações nem investimentos dos demais, visto que se comportava como uma criança<sup>1</sup>.

O leitor consegue acompanhar a evolução dos pensamentos daquela senhora e perceber que suas atitudes têm relação com o que se passa em seu mundo interno, mas os convidados da festa testemunham apenas a conduta isolada (o cuspir no chão), não atribuindo significado à luz dos questionamentos em que a aniversariante está imersa. Consideram o fato de forma dissociada do contexto, esvaziando todo o sentido da conduta, reduzindo-a a um ato de teimosia, próprio de uma criança.

A raiva a sufoca, pede um copo de vinho, o que é respondido com desdém pela neta. É então que ela explode e dá vazão à sua ira, xinga os presentes e ordena que lhe deem um copo de vinho. A neta entrega o copo, mas com apenas dois dedos de vinho. Quando todos esperavam pela tempestade, nada acontece, a velha não mexe no copo, retorna à sua ausência, como se nada tivesse acontecido. Todos se entreolham, sorriem e aos poucos retomam a festa.

Terminada a celebração, os convidados começam a sair e ela permanece séria, rígida na cadeira, com o punho fechado, e, nesse momento, se dá conta de que não haveria mais espaço para ela ser quem era, uma vez que a velhice chegara e, definitivamente, se instalara: “Com um punho fechado sobre a mesa, nunca

---

<sup>1</sup> Criança também colocada no texto de forma pejorativa, tal qual os velhos.

mais ela seria apenas o que ela pensasse. Sua aparência afinal a ultrapassara e, superando-a, se agigantava serena” (Lispector, 1982, p. 71).

Como uma de suas últimas manifestações com lucidez, faz um alerta à nora, uma das poucas pessoas de quem gostava: “- É preciso que se saiba. É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta” (Lispector, 1982, p. 71). Porém, não repete o aviso e quando a nora retorna seu olhar para a aniversariante, vê apenas uma velha sentada à cabeceira da mesa.

O conto, a partir da perspectiva dos estudos sobre a velhice, nos faz perceber como o olhar do outro é constitutivo de nós mesmos, sendo esse ambiente externo responsável por nos contar sobre quem somos e por refletir uma imagem que talvez preferíssemos evitar.

Tal como ensinado pela psicanalista Delia Goldfarb (1998), a velhice é um processo de subjetivação, que pode ser percebido quando o indivíduo se olha no espelho e não se reconhece, sentindo uma grande estranheza acerca de si mesmo. Esse espelho, chamado pela autora de “espelho negativo”, pode ser simbólico, talvez um acontecimento cotidiano ou um relacionamento interpessoal, mas é aquilo que indica a passagem do tempo, que mostra que aquele sujeito envelheceu.

Ainda segundo a estudiosa, é comum que algo que venha de fora localize o sujeito no novo tempo, é aquele que está fora que nos nomeia “velhos” e a partir desse momento o relógio do tempo passa a correr mais rápido:

A imagem do espelho representa o outro em que o idoso não se reconhece. A imagem da velhice parece estar sempre “fora”, do outro lado. Embora saiba que aquela imagem lhe pertence, ela produz uma impressão de inquietante estranheza, frequentemente apavorante porque não se liga a um futuro pleno de realizações, mas antecipa ou confirma a velhice (...). Ele acontece antes da velhice se instalar como vivência existencial do sujeito e geralmente relacionado a um acontecimento na vida do sujeito que aparece sempre como externo a ele, uma perda, uma doença, ou um dado que vêm do social. É sempre algo que vem “de fora” e localiza o sujeito em um novo tempo. É sempre o “outro” o que está fora de nós que repentinamente nos nomeia “velhos”. (Goldfarb, 1998, pp. 106-107)

É o que se observa na narrativa, uma vez que a aniversariante, como pessoa velha e apática, não é cumprimentada por ninguém, permanecendo invisível em sua própria festa de aniversário, que prossegue totalmente à sua revelia. Mesmo após a retomada de lucidez e as atitudes que empreende, na tentativa de marcar sua existência, não é considerada como sujeito que ocupa um lugar social, tendo-lhe sido dirigidos olhares de pena, de tristeza e de conformismo, como se nada pudesse ser feito por ela, uma vez que se comportava como uma criança.

A percepção da própria velhice pelo sujeito ocorre quando ele toma consciência de que nunca mais poderá ser o que quiser, uma vez que a aparência de pessoa velha passa a se impor sobre ele e sobre seus desejos, restando apenas a

imagem de uma velha sentada à cabeceira da mesa desde às duas horas da tarde.

Nesse cenário, são acionados os recursos psíquicos de que dispõem o sujeito no intuito de elaborar tais questões, refazer ajustes e acomodar a nova situação vivida, a qual por sua vez agride a percepção de si mesmo, posto que a condição de vida atual é muito diferente daquela idealizada no passado.

É no tempo da velhice que se toma consciência indubitável da finitude. Ainda que durante a vida tenhamos oportunidade de vivenciar a experiência da morte, a partir da perda de objetos investidos libidinalmente, sejam pessoas queridas ou lugares sociais, é nessa etapa da vida que a percepção da própria morte adquire um caráter irrevogável.

Na pessoa idosa ocorre um estreitamento do horizonte e a constatação de que não há mais tempo para satisfação de seus desejos, o que pode ser observado no conto em questão no momento em que a protagonista, após refletir sobre sua caminhada, constata que a vida é curta e faz uma espécie de alerta para sua jovem nora.

Nesse momento de percepção da velhice, o sujeito passa por uma situação de crise, que pode ser mais ou menos intensa a depender da história de vida de cada um, dos recursos psíquicos desenvolvidos para fazer frente a esse trauma e da cultura em que está inserido. Tal como ensina a psicanalista Maíra Peixeiro (2015), constitui um momento de desorganização que convoca o sujeito a tomar uma atitude diante da nova situação que se apresenta, o que pode gerar estagnação ou redimensionamento da vida. A estagnação ocorre quando a crise gera tamanha confusão que torna impossível o reequilíbrio. Já o redimensionamento, permite fazer ajustes e novos compromissos diante dos recentes limites:

Trata-se de um momento de desorganização que impõe necessariamente uma nova situação para o sujeito, tornando impossível o retorno ao que se era antes. A crise pode abrir para a estagnação ou para o redimensionamento da vida. A estagnação ocorre quando o impacto gera perturbação, desequilíbrio de tamanha intensidade que impossibilita reorganização. Podemos observar em alguns pacientes certa paralisia, desânimo, desinvestimento de projetos que estavam em andamento, configurando um quadro comumente avaliado como depressivo. Muitas vezes também se deflagra um quadro maníaco ou paranoico, ambos remetidos à mesma desorganização. Quando o redimensionamento da vida é possível, então abre-se a possibilidade de rever e readaptar projetos diante da nova condição, uma condição que inclui a fragilização, os limites. (Peixeiro, 2015)

No conto em análise, a personagem vivencia a situação de crise, percebe suas limitações, tenta restabelecer novos compromissos, busca auxílio de outras pessoas presentes, mantém afeto pelo neto e pela nora, tenta ser vista e ouvida,

mas a maioria dos presentes não a leva a sério e ela segue oscilando entre os estados de ausência e de presença, aflita com o futuro que se avizinha.

Não se sabe com segurança o quanto de seu alheamento do mundo é decorrente dos traumas pessoais por ela vividos, e de sua dificuldade em lidar com eles, ou do desprezo da comunidade que a cerca, da perda do lugar social. Talvez a apatia seja resultado de tudo isso, tendo como pano de fundo o envelhecimento.

## Referências

GOLDFARB, Delia Catullo. Corpo e Temporalidade: Contribuições para uma Clínica do Envelhecimento. **Revista Kairós – Gerontologia**, São Paulo, n. 1, ano 1, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. 12 ed. José Olympio: Rio de Janeiro, 1982.

PEIXEIRO, Maíra Humberto. **O traumático na entrada na velhice**. Ger-ações. VI Congresso Iberoamericano de Psicogerontologia. La Paz. Bolívia, 2015.

*Data de recebimento: 15/04/2026; Data de aceite: 10/05/2026*

---

**Eunice Vigarinho de Campos** - Advogada, Psicanalista em formação, Acompanhante Terapêutica no envelhecimento.  
Contato: [eunicevcampos2013@gmail.com](mailto:eunicevcampos2013@gmail.com)



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.